

ANALYSE ET COMMENTAIRE DE TEXTES OU DOCUMENTS EN PORTUGAIS

Durée: 6 heures

Analysez et commentez, **en portugais**, les quatre documents suivants :

DOCUMENT 1

MOISÉS

MOISÉS (iluminado por um único foco de luz à esquerda do palco, fala de olhos fechados, com grande lentidão e gravidade)

O patrão e o criado, ao morrer, serão iguais.

Todas as mortes igualam

o que as vidas separaram

e eu não quero morrer deitado,

5 sozinho, num hospital, quero

morrer de pé, sem pena

de deixar o meu olhar,

de deixar o muito pouco

que sou e que ainda acaba

10 sendo bem menos do que eu,

sombra de sonho, nada.

(Pausa)

A revolução, ou lá o que era isto,

para mim chegou ao fim.

Podem agora gritar que o outrora segredavam,

15 pode a televisão mostrar tipos de braço no ar

dizendo o que querem sem se atreverem a crer

no que querem, e com medo

de dar esse nome ao medo,

que o medo aqui nasce e medra como a gente,

20 a medo,

que o medo a gente o bebeu no leite das mães,

a medo,

como eu, que cresci com medo

e que nunca fui valente

25 e que quero ver se mostro

que sou homem para vencer

o receio de perder

o pouco de que preciso

para comer.

(Longa pausa)

- 30 Os velhos têm medo, e eu mais que ninguém,
sozinho, de todos esquecido nesta cavalaria
onde acordo a cisma nos muitos enforcados
em traves de lagares, de armazéns, de velhas
casas desta terra de casas sem gente,
35 de gente sem casa,
onde sempre alguém de tomates escolheu
um canto pouco devassado para esticar
sem que ninguém o salve. Vi alguns, em miúdo,
corríamos a espreitá-los
40 mal a notícia se espalhava
e tudo lhes servia, corda, lençol ou cinto.
Um deles vi eu todo torto,
suspense dum arame grosso que lhe estorceu
e traçou o pescoço e o sangue lhe golfou
45 sobre o corpo, sangue gelado de animal esfolado,
pendurado no talho, e tremi ao pensar
que quem se tira a vida se condena
a penar no fundo dos infernos.
Pois que pene, raios o partam,
50 se tiver o que em vida não teve: coragem.

(Pausa. Passa a mão pelos olhos, que no fim do monólogo abre com quem acorda; abana a cabeça, no gesto de afastar maus pensamento, e sai pela esquerda alta. Se a cena consentir uma escada de madeira ao fundo do palco, sobe os degraus que desceu – ou se ouviu descer – no começo da peça)

Almeida Faria
A Reviravolta
Lisboa, Ed. Caminho, 1999, p. 60-63

DOCUMENT 2

Corria um verão sufocante nos campos de Beja, a noite parecia chumbo, sem uma aragem, mas não nos iludamos, avisava o cônego na salinha da viúva, o povo não dormia, o povo estava mais que revoltado contra a aventura em que o tinham metido. Alexandra, como criatura inteligente, tomara consciência disso e fizera a sua clarificação. E como Alexandra, muitos outros. De dia para dia, aumentava o número daqueles que se sentiam traídos pelos violinos da utopia em que generosamente tinham acreditado. Colectivismos? Autogestões? Via-se, o resultado estava à vista. Dentro de pouco tempo só trabalharia em autogestão quem não tivesse para onde ir ou onde se deixou cegar pelo fanatismo. Os ventos mudaram, era a mão de Deus a recompor o mundo com a sua infinita sabedoria, avisava o cônego.

Os ventos mudavam, os ventos mudavam, mas aqui o prelado dava uma volta ao discurso e prevenia os ingénuos e os pobres de espírito que nem tudo se fazia pela palavra e pelo perdão. Tínhamos a hidra revolucionária a crescer entre nós, caso para ponderar. Ela, a hidra, acabaria por se devorar a si própria quando já não tivesse mais mundo para devorar, sabíamos disso, estava anunciado nos Livros, mas porque o sabíamos é que se tornava urgente eliminar a besta maldita antes que a humanidade se extinguisse. O cônego ergueu um dedo profético diante da viúva: “Estamos em Julho, mês do Preciosíssimo Sangue dos Mártires. Isto não lhe diz nada, minha prima?”

Ao velho que estava à escuta no corredor aquilo não só não dizia como transtornava. Era conversa canónica em barroco dourado, e sinceramente não lhe entrava com muita felicidade nos engenhos. E posto isso, *andante*; posto isso que se lixasse, preparava-se para recomençar o passeio no corredor quando lhe soou o nome de Spínola atirado à queima-roupa. Aí, atenção às vozes, Berlengas apurou o ouvido.

Outra vez o Spínola?, interrogou-se ele. Mas lá na saleta, a voz do pregador familiar é que não deixava dúvidas, falava na redenção da pátria pelo sangue e hasteava o nome do general que andava pelas brumas a conspirar.

Antes de mais nada recordava a célebre manifestação do ano passado na praça de touros do Campo Pequeno, em Lisboa, verdadeira capital bolchevique. Outra vez? Outra vez, sim senhor, o acontecimento tinha um alto significado histórico para que o cônego e todos os portugueses dignos desse nome o não esquecessem. Caso histórico. Lapidar. A praça em polvorosa e o Spínola no camarote da presidência a ser ovacionado contra os vende-pátrias que o rodeavam. Acontecimento ímpar, com efeito, e a todos os títulos singular. *Dixit*.

Dixit? Não *dixit* tal, ainda havia mais. Como orador alegórico o primo cônego revelou então que o verdadeiro touro do Campo Pequeno era o bravo general que o povo aclamava projectando no nobilíssimo animal trazido ao centro da arena. Descrição um pouco confusa, havia que reconhecer, mas eram assim as alegorias – E que mais? Que mais? O animal sagrado, o animal símbolo, estava ali como um brado de liberdade e de força mitológica. E não investia contra o vermelho de capa que os toureiros floreavam, não se pense. Investia contra o vermelho dos cravos e contra a bandeira dos sem Deus, e com tal ímpeto o fez, com tal luz, tal majestade, que ganhou vulto e subiu alto para sempre, libertando-se dos traidores que ocupavam o trono da presidência.

O Spínola um magnífico touro de monóculo a crescer sobre a pátria amesquinhada. Como aquilo é que o velho nunca tinha ouvido. Ainda julgou que fosse confusão dos tímpanos, fantasmas da idade ou algo assim mas não senhor, qual quê. O cônego parado no meio da sala, olhar solene, confirmava a presença do touro majestoso lá nas nuvens. Pensava em perspectiva, fazia resumo: começara na ascensão do animal em plena praça do Campo Grande e só tornaria a dar sinal, seis meses depois, a cruzar os céus de Lisboa, hiantes, cornos em chama, a abater-se sobre um regimento mais que todos bolchevista. “Contudo”, prevenia o

50 côneo, “ainda não seria essa a hora de reabilitação. Os desígnios de Deus anunciam-se por avisos e o assalto ao quartel fora um deles. Um aviso, uma operação preambular. Tanto assim que a aparição do touro redentor se registou breve e de pouca metralha”.

Silêncio. E agora? Agora, concluiu o côneo Domingos, era o mês do Preciosíssimo Sangue, e Spínola continuava em parte incerta, talvez, quem sabe, pairando nos céus de Lisboa, talvez aqui neste mesmo lugar, presente com os portugueses.

José Cardoso Pires
Alexandra Alpha
Lisboa, Pub. Dom Quixote, [1ª ed. 1997]
1999, p. 420-422.

Luta da UCP Santana do Campo-Arraiolos estende-se às estradas e à vila

Há pouco, este largo aqui, no centro de Arraiolos, estava repleto de trabalhadores. Homens, mulheres carregando os filhos ou trazendo-os agarrados às saias, muitos
5 velhos, muitos jovens, desembocando das rias estreitas da vila, chegaram para erguer o seu protesto, para afirmar as razões por que resistem apesar dos agrários armados, apesar do tenente Jerónimo Santos, que os intimidam, caluniam, ameaçam, espancam.

Foi ainda há pouco que os trabalhadores aqui estiveram. Todos os trabalhadores cooperantes da UCP “Santana do Campo”, cooperativa à beira da vila.

10 Mas não são eles. Saindo dos empregos, no fim da tarde, também os metalúrgicos, as trabalhadoras da Cooperativa de Tapetes de Arraiolos, vários pequenos comerciantes e muita outra gente veio com eles fazer barreira. E todos ergueram vozes de protesto e luta: “A terra é nossa!” “Queremos trabalho!” “Fim à ofensiva contra a Reforma Agrária!”.

Ainda agora aqui estiveram no Largo Central de Arraiolos e por eles e com eles falando,
15 intervieram o presidente da Câmara Municipal, um dirigente do Secretariado das UCPs/Cooperativas, um dirigente da União dos Sindicatos, uma trabalhadora da Cooperativa e um elemento do PCP. Chegando à manifestação, as moções de solidariedade de outro trabalhadores – da Rodoviária Nacional, do Sindicato dos Metalúrgicos, do Sindicato dos Rodoviários, do Sindicato dos Trabalhadores do Comércio e Serviços, da Câmara Municipal
20 de Borba. E também do núcleo local do PS, que veio dizer: “O PS de Arraiolos apoia inequivocamente os trabalhadores na defesa das liberdades conseguidas com o 25 de Abril. Viva a luta dos trabalhadores da Herdade da Oleirita!”

Esteve cheio de gente e de clamor o Largo Central de Arraiolos. Eram mais de 2000, calculam os velhos mais treinados nestas andanças da luta, mais experientes nas comparações
25 entre as manifestações de antigamente e as de hoje. Vibrava o largo com as vozes de raiva e de combate. E algumas lágrimas cruzavam os rostos quando os gritos pela terra, trabalho e pão se faziam mais insistentes, indo para além do largo, espalhando pelas ruas denúncias e alarmes. É que para já a perda da Herdade da Oleirita dada ilegalmente como reserva representa o desempregado para 60 dos 116 trabalhadores da UCP Santana do Campo e, a
30 curto prazo, outros se seguirão à míngua de terra e trabalho. É que a Herdade da Oleirita são 620 hectares das melhores terras (com 104 979 pontos) nas quais se encontram as instalações da UCP, todo o pomar e todo o olival.

E quando toda esta gente trabalhadora aqui estava, também *jeeps* da GNR vieram fazer barreira não se sabe bem o quê porque a manifestação estava autorizada pelo município,
35 porque sendo uma manifestação de luta era uma manifestação pela paz: a paz urgente para produzir mais e melhor para todo o País.

Eco que não se extingue

Isto passou-se na passada quinta-feira, precisamente há uma semana. Não foi um
40 começo de luta mas somente mais uma etapa num processo que não está findo.

Tudo se havia desencadeado já a 14 de Fevereiro quando foi dada a Herdade da Oleirita como reserva a Miguel Joaquim da Câmara Manuel Potes. Contestando tal entrega, os trabalhadores denunciaram que: “O reservatório Miguel Potes, em conjunto com a sua mulher Ana Potes é proprietário de alguns prédios não ocupados nem expropriados e, em Fevereiro
45 de 1975, vendeu ilegalmente duas herdades – Madalenas e Entre águas – procurando diminuir a sua área expropriável, vendas estas que nem sequer foram deduzidas à área de reserva, como

determina a própria Lei Barreto, inconstitucional e apoiada pelo PSD, mas que agora não lhe chega para as ambições.

50 O referido Potes trazia as terras da herdade arrendadas a rendeiros de campanha e ainda por cima, o MAP, além dos 70000 pontos, concede-lhes majorações técnicas sem que o reservatório apresente o necessário estudo técnico, social e económico como obriga o despacho de 23 de Maio do ministro Vaz português. O MAP não procedeu a nenhuma das diligências requeridas pela cooperativa para averiguação da verdade dos factos, nomeadamente um arbitramento requerido à luz do Artigo 570º e seguintes do Código do
55 Processo Civil para averiguar da inviabilização da cooperativa”.

Como pano de fundo coerente com a ilegalidade e o arbítrio, a violência brutal veio acompanhar a marcação da reserva. Assim, a 14 de Fevereiro, 50 agrários armados e protegidos no acto da reserva, tentaram roubar 300 ovelhas da Unidade.

60 Perante a firmeza dos trabalhadores concentrados no monte, os agrários dispararam contra eles sem que a guarda interviesse, ameaçaram de morte um dirigente sindical, sequestraram durante quatro horas o presidente da Cooperativa João Gregório de 55 anos de idade e agrediram dois outros trabalhadores.

65 Mas os trabalhadores não consentiram o roubo e nesse mesmo dia mais de mil pessoas na vila de Arraiolos concentravam-se exigindo justiça. À frente desta multidão de gente da terra, as 300 ovelhas, propriedade da unidade, desfilaram pelas ruas, aplaudidas como um símbolo, e não mais foram largadas pelo povo que defende a Reforma Agrária.

70 Entretanto, na luta que retomariam na passada sexta-feira, já uma semana antes os trabalhadores da UCP “Santana do Campo” distribuíram pela estrada nacional nº4, que liga Arraiolos a Estremoz, um comunicado aos automobilistas dizendo das razões da sua luta, explicando que não lutam contra os agricultores e a GNR mas contra os agrários e o Governo, reafirmando a determinação em combater a destruição da Reforma Agrária, contra o regresso ao desemprego, aos tempos de fome e miséria; reivindicando o fim da ofensiva, da violência no Alentejo, exigindo que a Oleirita regressasse às mãos dos trabalhadores, e “que seja reposta a legalidade democrática e se respeite e cumpra a Constituição”.

75 São os mesmos objectivos, as mesmas reivindicações que os levam a dizer “A luta continua”, pois claro. Então, o que há-de a gente fazer?”

80 E quando abalaram – ao princípio da noite porque nestas terras o trabalho amanhece cedo – o largo ficou vazio, silencioso, e só no café, cujos donos estão de alma e coração com a Reforma Agrária, permaneceu algum movimento. Mas naquele silêncio havia ainda o eco dos gritos de resistência, o eco das vozes que disseram e dizem “A terra a quem a trabalha”. E este eco não se extingue.

Jornal *AVANTE*
28 de Fevereiro de 1980

DOCUMENT 4

Quando os trabalhadores rurais ocuparam a Quinta ribatejana da Torre Bela

Filme de Thomas Harlan é uma das obras que melhor retrata o pós-25 de Abril

A Quinta da Torre Bela, em Manique do Intendente, Azambuja, foi ocupada por agricultores das aldeias vizinhas no “Verão quente” de 1975. O momento foi registado por um cineasta alemão que captou a “utopia da revolução”.

23 de Abril de 1975. Quinta da Torre Bela, Manique do Intendente, Azambuja. Imagens
5 aéreas captadas de helicóptero deixam adivinhar a imensidão dos 1.700 hectares da
propriedade do duque de Lafões que no pós-25 de Abril foi ocupada por um grupo de
trabalhadores rurais de aldeias das redondezas. O momento foi registado pelas câmaras de
Thomas Harlan, o cineasta alemão que veio a Portugal no “Verão quente” filmar a revolução
e que acabou na quinta ribatejana a seguir a ocupação da Torre Bela. O filme, uma das várias
10 versões do documentário, está em exibição no Cinema King, em Lisboa.

Dividido entre a propriedade de Azambuja e a “York House”, a pousada de Lisboa onde
estava alojado, o cineasta enviava todas as semanas negativos para Paris. Estava empenhado
em filmar a “utopia da revolução” partindo da experiência da Torre Bela onde os camponeses
inventavam uma cooperativa numa tentativa de concretizar a máxima da reforma agrária: “a
15 terra a quem a trabalha”. O envolvimento era de tal forma que a câmara de filmar passou a ser
encarada pelos habitantes da Torre Bela como outro qualquer instrumento de trabalho. Um
tractor, uma enxada ou a pá de valar. Como aquela que segura, desconcertante, um dos
trabalhadores por não perceber as razões que o obrigam a entregar o instrumento à
cooperativa.

20 “Há bocado disseste que ficavas sem roupa; que ficavas sem nada. Todo este trabalho - o meu
trabalho - é para que não fiques sem roupa; é para que fiques com mais roupa que a que tens.
É para que tu realmente fiques com tudo. Para que não haja problemas esta ferramenta que tu
dizes que é tua passa a pertencer à cooperativa, para que nada te falte”, explica em tom
pedagógico o líder da ocupação da Torre Bela, Wilson, que tem nesta cena um dos mais
25 marcantes contributos para “o grande filme da utopia apartidária”. O homem, de pá de valar
na mão, que representa as impossibilidades do ideal comunista suicidou-se já lá vão alguns
anos. Nunca casou e fartou-se da vida e da solidão. O assunto comenta-se entre um grupo de
populares à volta de uma conversa numa rua íngreme de Manique do Intendente. Maria
Vitória, a mulher que começou a trabalhar com 10 anos para ter que comer, de mãos
30 ensanguentadas por aproveitar a azeitona enterrada debaixo de cardos e silvas, já
desaparecida, tomou lugar dianteiro na luta, mesmo com a desaprovação do marido. É a
protagonista do documentário de Harlan. Mais do que Wilson, o professor da Torre Bela,
desmascarado pela jornalista Alexandra Lucas Coelho. “Eu dormia no quarto do duque. Era o
único que tinha casa de banho privativa”, confessou 32 anos depois o líder popular da
35 ocupação, hoje vendedor de camiões.

Wilson, ex-assaltante de bancos, antecipou-se aos agricultores nas noites passadas no palácio.
O mesmo palácio que os agricultores tomaram. No filme caminham pela casa lentamente.
Com receio de que alguém os pudesse censurar. “Ainda a gente vamos todos presos”,
comenta um dos camponeses. O mesmo que passa pela primeira vez com as mãos calejadas
40 da enxada sobre as teclas de um piano. No interior do palácio abrem-se armários, remexem-se
gavetas, folheiam-se livros, olham-se fotografias de família e vestem-se roupas. A jaqueta do
duque, como a que experimentou Herculano Martins.

45 No calor do momento, o jovem agricultor de 20 e poucos anos, hoje presidente da Junta de Freguesia de Manique do Intendente, de casaco de camuflado, deixa-se envolver na emoção da “descoberta do palácio”. Exalta-se quando à distância de 32 anos se pede uma entrevista. Não quer falar no assunto. Tal como a irmã, à época com 14 anos, que está agora a gerir uma papelaria da terra. É a companheira de Wilson que indica o lugar do estabelecimento. Também está atrás de um balcão de um supermercado. Foi poucas vezes à Torre Bela. Foi lá que se enamorou do marido. Nos anos quentes da revolução.

50 A quinta que os agricultores tomaram é reserva de caça da família real de Bragança. A sociedade proprietária quer recuperar o palácio. Transformá-lo num hotel de charme com golfe, caça e centro equestre. O portão de uma das maiores propriedades muradas do país, filmado do céu, está agora fechado a cadeado. E os miúdos das aldeias vizinhas que assaltavam a quinta – muitos anos depois da ocupação – já não lá entram para explorar pontos

55 de água e os escombros do palácio onde um dia viveu a utopia.

Jornal *O Mirante*
6 de Setembro de 2007